



Justiça Com as Próprias Mãos: um olhar sobre o caso da morte do leiteiro

Aline Silva Seixas

Graduanda em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Morte do leiteiro. In: _____ **A Rosa do Povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 108 – 111.

2 APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Considerado um dos maiores autores da sua época, Drummond foi por muito tempo um dos poetas mais influentes da literatura brasileira, muito embora tenha publicado diversos livros em prosa. Seus poemas tinham destaque por tratar de assuntos do cotidiano, como o tempo, as questões sociais e políticas, sendo responsável por promover críticas e reflexões em suas leituras. Carlos Drummond de Andrade nasceu em 31 de outubro de 1902 na cidade de Itabira do Mato Dentro em Minas Gerais. Em Belo Horizonte iniciou a carreira de escritor como colaborador do Diário de Minas. Em 1925 formou-se em farmácia na cidade de Ouro Preto e ingressou no serviço público. No ano de 1934 transferiu-se para o Rio de Janeiro chegando a trabalhar em alguns órgãos públicos, como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1954 o escritor modernista passou a colaborar como cronista no Correio da manhã e em 1969 no Jornal do Brasil.

Os primeiro livros de Drummond possui uma vertente diferente das suas obras mais conhecidas, com um tom de descontração escreveu *Alguma Poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934). Sua mudança de estilo é marcada em obras como *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942) e sobretudo em *A rosa do povo* (1945), o poeta nesse momento traz à tona questões políticas e sociais, participando e se solidarizando com questões coletivas. Seu estilo poético era marcado pela ironia, humor,

metalinguagem, pessimismo diante da vida, além de observações do cotidiano. Suas obras foram traduzidas para diversas línguas o que o tornou conhecido mundialmente. Além disso foi tradutor de alguns autores como Balzac, Federico Garcia Lorca e Molière.

O autor fez parte da segunda fase do modernismo brasileiro junto com Cecília Meireles, Graciliano Ramos e Vinícius de Moraes. Viveu em um período histórico marcado pela Ditadura, Guerra Fria e Segunda Guerra mundial, mostrando em sua obras a desesperança diante de um mundo marcado pelo cenário político e social perturbador e a sensação de impotência da sociedade que se via descontente com a falta de liberdade.

Diante de tal perspectiva o autor transforma sua poesia em um instrumento de combate, a poesia torna-se então a arma do povo, nesse contexto é escrita *A Rosa do Povo*, obra em destaque neste trabalho com o enfoque no poema “A morte do leiteiro”.

Ao longo da vida Drummond apostou em versos livres, sem métricas e uma linguagem mais objetiva o que o aproximava do seu público. O autor faleceu em 17 de agosto de 1987, mas é lembrado até hoje por sua vasta obra literária e pela ênfase social e engajamento político marcante em seus versos.

3 PERSPECTIVA TEÓRICA DA OBRA

“A morte do leiteiro” é um poema da obra *A Rosa do Povo* (1945) de Carlos Drummond de Andrade e revela, assim como outros poemas da obra supracitada, problemas como a marginalização social da juventude pobre, um país capitalista cujos recursos não são divididos entre todos e a necessidade de produção, marcada especialmente pela “pressa” muitas vezes citada ao longo dos versos. De um lado, portanto, está a justiça social e de outro a produção desenfreada que alimenta o sistema capitalista.

Além desses aspectos a temática da violência também é abordada, e a proteção da propriedade privada é posta em conflito com a vida humana uma vez que “Há no país uma legenda, que ladrão se mata com tiro”. (DRUMMOND, 2000, p.108)

Tendo em vista a atualidade do tema e a pertinência do debate diante dos atuais casos de linchamentos e propagação da justiça social no Brasil, é preciso discutir a obra escrita em 1945 que revela uma mentalidade conservadora que ainda está presente na sociedade contemporânea.

4 BREVE SÍNTESE DA OBRA

Os versos revelam um sujeito marcado pela exploração que sofre, esse sujeito não tem nome mas representa muitos que são conhecidos por sua função no mercado de trabalho, como o carteiro, o gari, o vigia, o leiteiro marca a estrutura de uma sociedade que suporta essa auto objetivação.

Pouco sabemos do nosso protagonista, apenas que ele é um jovem leiteiro de 21 anos, que tem pressa e vem do último subúrbio “trazer o leite mais frio e mais alvo da melhor vaca para todos criarem força na luta brava da cidade”. (DRUMMOND, 2000, p.108)

Sua voz não conhecemos, pois os homens dormem e sua presença é notada

pelo barulho das latas, garrafas e sapatos de borracha, seus objetos de trabalho que representam sua exploração. Além disso ele tem pressa, não tem tempo portanto de reconhecer sua condição.

Diante da violência que infesta o bairro de ladrões, um dos homens sonolentos confunde na madrugada o leiteiro com um gatuno e o abate a tiros. O assassinato então é narrado em tom de acidente, pois a intenção do autor do crime era matar o suposto ladrão e não o leiteiro. O desespero do “senhor” diante da morte do leiteiro promove uma reflexão, que acaba se tornando pertinente no contexto atual: “bala que mata gatuno também serve pra furtar a vida de nosso irmão” (Drummond, 2000, p.111)

O autor utiliza-se de verbos que ao decorrer da leitura dão a ideia de movimento dos personagens, bem como muitas vezes as vozes dos personagens se confundem com a voz do autor o que acaba por dar um ar de cumplicidade e tom de impessoalidade prendendo, dessa forma a atenção do leitor.

5 PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS NA OBRA E REFLEXÕES CRÍTICAS

O livro de poemas *A Rosa do Povo* foi publicado em 1945, marcado pela II Guerra Mundial (1939-1945) e o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945). As poesias refletiam a situação de frustração e desesperança da sociedade na época, e as palavras eram utilizadas como armas que reivindicavam a luta contra a falta de democracia e o totalitarismo.

Seu engajamento político e social é destacado por Achcar (1993) que observa o engajamento do autor na problemática social, perceptível na atitude de denúncia e revolta diante das injustiças, assim com expressa uma esperança utópica com fundo socialista.

Além de questões sociais o livro ainda aborda o papel do poeta, a função da poesia e até o próprio ato de escreve-las. Como cita Simmon (1978) o livro apresenta o risco e o dilema do trabalho do próprio poeta, com um eu-lírico hesitante, inquieto, dividido entre as formalidades e comunicação, entre fechamento e abertura do discurso, entre coisa e palavra signo.

Dentro deste contexto encontra-se a “Morte do leiteiro”, objeto de estudo do presente trabalho, que denuncia problemas sociais, mas cujo foco principal é a análise da tragicidade dos fatos relacionando-os com o contexto atual de violência e justiça feita com as próprias mãos.

As estrofes da obra em estudo promovem reflexões sobre alguns problemas sociais da época em que o poema foi produzido, mas que continuam presentes na sociedade moderna. A cada estrofe somos surpreendidos por versos simples que retratam, denunciam e registram fatos que fazem com que o leitor tenha a impressão de estar lendo uma notícia que poderia ter data de hoje. A fome, a exclusão social, a má distribuição de renda, a marginalidade e violência são questões do cotidiano retratadas nas entrelinhas dos versos de Drummond. A poesia possui detalhes importantes que merecem ser estudados, sendo necessário uma análise interpretativa que discorra sobre esses itens.

5.1 Análise Interpretativa dos principais pontos do poema

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.

Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Logo na primeira estrofe o autor revela o contexto em que vive o país, marcado por pouco alimento (representado pelo leite) e muita sede de alimentos, evidenciando a falta de recursos que atendam a toda população. Por outro lado a violência é explicitada mostrando especialmente a mentalidade conservadora da época por meio da legenda “ladrão se mata com tiro”, mas que ainda está presente na sociedade contemporânea.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Diante da escassez de recurso “o moço leiteiro” sem nome distribui o leite de casa em casa “correndo” o “leite bom para gente ruim”, objeto de desejo de toda a população o leite (alimento) não é acessível para todos sendo limitado apenas para as pessoas portadoras de capital para obtê-la. Diante do contexto da época e da forte crítica de Drummond ao sistema pode-se entender que existe um conflito entre o proletariado trabalhador e a “gente ruim” que seria a classe dominante descansa enquanto o proletariado enfrenta vários desafios para trazer “o melhor leite do último subúrbio”.

Além disso essa estrofe revela a indiferença dos moradores em relação aos homens de ofícios comuns e mal remunerados, como o leiteiro, sem reconhecer a importância dessas profissões no seu dia-dia. E o nosso leiteiro só é reconhecido por seus objetos de trabalho “suas latas, garrafas e sapatos” demonstrando a coisificação da pessoa pelo sistema.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro.
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto
Com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

Um fato do cotidiano que é retratado no poema é a pressa e a falta de tempo marcada pelas frases “não tem tempo de dizer”, expondo a realidade fruto da necessidade de produção em larga escala decorrente do capitalismo exacerbado e busca pelo lucro sem limites. O trabalho que o leiteiro exerce não lhe dá tempo para compreender sua real situação, apenas age de forma mecânica distribuindo o leite “à beira das casas”. Nessa estrofe também encontra-se as únicas características do leiteiro

que teremos conhecimento - O jovem leiteiro, ignaro, vindo do último subúrbio e que tem pressa.

Destaca-se a utilização do adjetivo “ignaro”, que representa a ignorância do leiteiro com relação aos estudos, mas ao mesmo tempo demonstra a pureza que ele foi capaz de preservar mesmo diante dessa sociedade capitalista que avança pela cidade produzindo fome, violência e miséria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Esta estrofe reitera a escassez de alimento, representado pelo leite, e o desejo reprimido de pessoas que não possuem condições financeiras para tê-lo, apesar dele estar “disponível”. Os verbos utilizados por Drummond dão ideia de movimento, ao mesmo tempo escondem a real intenção do autor ao utilizar as palavras “beco” e “corredor” dão ideia de lugares estreitos e delas pode-se inferir as situações difíceis que o leiteiro passa. Além disso é perceptível seu profissionalismo, pois ao exercer sua profissão evita ao máximo fazer barulho, até mesmo porque a classe dominante não quer ser incomodada e muito menos saber como e através de quem o alimento chega à sua porta.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Uma sociedade marcada por homens inseguros e com medo de perder suas propriedades, que se arma com “cães, gatos e vasos de flor no caminho” para fazer barulho caso alguém ouse invadir seu território, afinal “ladrões andam à solta”. Essa situação não é muito diferente da sociedade contemporânea que se “protege” com cerca elétrica, câmeras de vigilância, seguranças, cachorros e todo aporte possível na defesa do mesmo interesse retratado por Drummond em sua época. Diante da situação o leiteiro se preocupa em ser ágil para não ser confundido com ladrão, mantendo assim cães e gatos calmos e evitando qualquer passo errado.

Mas este entrou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,

se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

A estrofe anterior termina afirmando que apesar do esforço, vez ou outra, o leiteiro não consegue passar despercebido. Enquanto a atual estrofe revela que nem tudo saiu como planejado e um senhor acordou em pânico temeroso, pois “ladroes infestam a rua”. Neste momento o autor personifica o revólver que “salta para mão” do senhor e traz à tona uma ideia que ainda permanece na sociedade contemporânea - “Ladrão? Se pega com tiro” – tal pensamento merece ser desconstruído, mas primeiro é preciso entender o que motiva a ação das pessoas sob essa perspectiva.

Martins (2015) acredita que o contexto de linchamentos e atos de violência contra criminosos ou, como no caso do nosso leiteiro, possíveis “criminosos” tem como fonte o descrédito e ceticismo da justiça, além da necessidade de preservar seus valores morais. Dessa forma a própria sociedade conservadora impõe valores e normas, na mesma medida impõe suas penas, um exemplo é a justiça com as próprias mãos.

Essa “justiça” é fruto da indignação e ressentimento objetivando a humilhação e a reparação do transgressor. Em nome de uma identidade desonrada uma pessoa ou um grupo de pessoas carregadas de sentimentos como medo, ira, humilhação e desejo de vingança associados ao descrédito as instituições mantenedoras do contrato social, o que faz com que cada vez mais essa mentalidade conservadora se mantenha e se propague para as gerações futuras.

Esse pensamento conservador brasileiro é fruto de um passado escravocrata que ainda não foi superado somado ao uma sociedade contemporânea violenta, desigual e excludente, como afirma Barbosa (2015):

“Em tal contexto sócio-histórico de descrédito das instituições mantenedoras do contrato social, de fragmentação moral e identitária e de desorganização normativa nos centros urbanos brasileiros, onde o cotidiano do homem comum é perpassado pela desagregação das relações de trabalho, de autoridade e de propriedade, o fenômeno do linchamento se manifesta como exercício da “justiça moral” da multidão enfurecida. A justiça moral, diferentemente da justiça dos tribunais, percebe e classifica qualitativamente as atribuições morais de cada sujeito relacional, de modo que responde à transgressão moral com a destruição material e simbólica do elemento desviado. Não se trata somente de equiparar e escalonar os castigos na forma de privação da liberdade, cuja variação é meramente quantitativa, mas de restaurar a ordem moral e cósmica ofendida de uma comunidade de pertença.” (BARBOSA, 2015, p. 201)

A sociedade primitiva, como afirma Reale (1991), resolve seus conflitos por meio da vingança, enquanto o ideal é que haja uma mudança gradual do plano da força bruta para o plano da justiça, conforme ele cita:

“Pode-se mesmo dizer que o progresso da cultura humana, que anda **pari passu** com o da vida jurídica, obedece a esta lei fundamental: verifica-se uma passagem gradual na solução dos conflitos do plano da força bruta para o plano da força jurídica. Nas sociedades primitivas tudo se resolve em termos de vingança, prevalecendo a força, quer do indivíduo, quer da tribo a que ele pertence.” (REALE, 1991, p.75)

Sob outra perspectiva essa estrofe também reforça a ideia de que o proprietário desconhecia o leiteiro, aquele que lhe servia diariamente, chegando inclusive a confundi-lo com um ladrão, depois de ter atirado ele percebe que pouco sabia daquele

homem: “Se era noivo, se era virgem, se era alegre, se era bom, não sei, é tarde para saber”.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

A percepção de que tinha matado um inocente leva o homem ao desespero, nos levando a reflexão acerca de frase “Bala que mata gatuno também serve para furtar a vida do nosso irmão”, já que a arma foi usada para tirar a vida de um inocente, o leiteiro, mas essa não era a intenção do dono da casa.

Na situação do poema estudado o homem foi imprudente, pois agiu de forma precipitada e sem cautela, tendo uma ação diversa da esperada. Neste caso o dolo é afastado de sua conduta, mas permanece a culpa. A situação enfrentada pelo homem é abordada pelo Código Penal em seu artigo 20 que discorre a respeito do Erro sobre elementos do tipo:

Art. 20 - O erro sobre elemento constitutivo do tipo legal de crime exclui o dolo, mas permite a punição por crime culposo, se previsto em lei.

Descriminantes putativas

§ 1º - É isento de pena quem, por erro plenamente justificado pelas circunstâncias, supõe situação de fato que, se existisse, tornaria a ação legítima. Não há isenção de pena quando o erro deriva de culpa e o fato é punível como crime culposo.

Erro determinado por terceiro

§ 2º - Responde pelo crime o terceiro que determina o erro.

Erro sobre a pessoa

§ 3º - O erro quanto à pessoa contra a qual o crime é praticado não isenta de pena. Não se consideram, neste caso, as condições ou qualidades da vítima, senão as da pessoa contra quem o agente queria praticar o crime.

Diante da culpa e desespero o homem foge preocupado com sua liberdade, sem prestar socorro à vítima afirmando “quem quiser que chame um médico, polícia não bota a mão neste filho de meu pai”. A causa do assassinato está clara - a defesa da propriedade – a “matéria” ficou intacta enquanto a vida foi subtraída.

A agonia da noite e a demora do dia representa a falta de esperança e a ideia de que a criminalidade permanece sem importância. O jovem “perdeu a pressa que tinha” somente diante da morte, com essa frase Drummond fez uma dura crítica ao sistema e a forma como vivemos a vida preocupados em ser produtivos e produzir.

Da garrafa estilhaçada.
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei

Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

A estrofe final aborda a morte do leiteiro, representado pela “garrafa estilhaçada”, o “leite” que representa alimento também representa a vida, enquanto o sangue representa a morte. A junção do branco do leite e o vermelho do sangue possui um tom semelhante ao da aurora que no poema representa o renascimento da esperança nas lutas contra as injustiças.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHCAR, Francisco. **A Rosa do povo e claro enigma: roteiro de leitura**. São Paulo: Ática, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Morte do leiteiro**. In: _____ **A Rosa do Povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 108 – 111.

BARBOSA, Raoni Borges. “**Resenha: Linchamentos: A Justiça popular no Brasil**”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 40, pp. 197201, Abril de 2015.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

REALE, Miguel. **Lições Preliminares de Direito**. São Paulo: Saraiva, 19°. ed., 1991, p. 75.

SIMMON, I. **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Ática, 1978.